



A semiose na logomarca do portal esotérico “Personare”, na internet¹

Moema Costa NASCIMENTO²

Lílian Cristina Monteiro FRANÇA³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Resumo

Este trabalho tem como base a gramática especulativa ou teoria da classificação dos signos desenvolvida por Charles Sanders Peirce, a partir de 1930. Ciência Normativa de ordem lógica, a semiótica visa o entendimento dos diálogos empreendidos entre os signos, seja qual for sua fundamentação – uma qualidade, um existente-referente, uma lei. Valendo-me dos princípios-guias identificados por Peirce, bem como de minhas experiências a respeito do assunto, procurarei esboçar algumas linhas gerais sobre a semiose contida na logomarca do site “esotérico” em destaque na atualidade: o “Personare”.

Palavras-chave: semiótica; esoterismo; internet.

Introdução

No Ocidente, é comum encontrarmos a logomarca ou o logotipo da empresa – a diferença entre os dois está na utilização ou não de elementos gráficos além da tipografia desenhada – no topo, do lado esquerdo, em páginas da internet. Isso se deve ao fato de culturalmente a leitura ocidental seguir um curso determinado – da direita para a esquerda, de cima para baixo -, diferentemente do que ocorre no Oriente, onde a exemplo do Japão e Arábia Saudita, a leitura de caracteres inicia-se a partir do topo, à direita da página, seguindo em sentido vertical para baixo (embora, hoje em dia, seja cada vez mais comum, especialmente entre os japoneses, a escrita e a leitura se darem no mesmo sentido empregado no Ocidente). No estudo de caso proposto, é importante observar que a logomarca obedece a tradição ocidental de leitura, ganhando destaque no layout, o que otimiza a metamensagem. Entenda-se por metamensagem, os elementos visuais que compõem a marca e que detêm o poder de despertar no navegante – consciente ou inconscientemente - a “imagem” desejada pelos mantenedores do site.

¹ Trabalho a ser apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do Curso de Radialismo da UFS, email: leiamais@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFS, email: lilianfranc@uol.com.br



Ao atentar para a ordem do layout, procuro situar o leitor quanto à leitura inicial, à “primeira impressão” que se tem ao acessar um domínio no ciberespaço. Para apreender melhor como o fundamento do conceito de marca, veja o que diz o designer e artista plástico Milton Ribeiro, no livro “Planejamento Visual Gráfico”:

“O aspecto gráfico do nome de um produto converte-se em marca com o decorrer do tempo, transforma-se em signo. Essa integração se processa de tal maneira que, se escrevermos outra palavra qualquer com as características formais de marca já tornado signo, a grande maioria das pessoas lerá, à primeira vista, não o que está realmente escrito, mas o nome consagrado”. (2007, p.244).

Outro aspecto de extrema importância, visando o melhor entendimento do tema proposto é uma breve abordagem do termo “esotérico”. Buscando a etimologia da palavra, vemo-nos diante de um adjetivo de origem grega, *esôterikos*, que significa “no interior, na intimidade”. Ele surgiu na época helenística, em pleno Império romano. Nessa época, o termo oposto, *eksôterikos*, já existia em grego clássico e era empregado quando se tratava de algo “exterior, destinado aos leigos, popular”. Entretanto, alguns autores propõem uma outra etimologia baseada no verbo *têrô* – observar, espiar; guardar, conservar. Dessa forma, *esô* + *têrô* valeria como “espiar por dentro; guardar no interior”. Platão, em aproximadamente 390 a.C. já fazia uso da expressão *ta esô* para designar “as coisas interiores”. Antes disso, a escola pitagórica – séc. V a.C. - chegou a utilizar o termo esotérico para nomear o conhecimento reservado a um número restrito de iniciados nos ensinamentos de Pitágoras e, em 208, Clemente de Alexandria faria o mesmo, mencionando a palavra esotérico referindo-se aos conhecimentos repassados aos seguidores da doutrina aristotélica.

Em termos gnósticos, esotérico é sinônimo de conhecimento metafísico. De acordo com o “Dicionário de Esoterismo”, de Pierre Riffard (1993), dentre outras definições: “É esotérico aquilo que apresenta um ensinamento iniciático, um conjunto de conhecimentos e práticas que conduzem à libertação, aquilo que é secreto do ponto de vista da forma e do fundo(...)”. Riffard diria ainda que são característicos do esoterismo “as analogias e correspondências, ciência e artes ocultas, a hermenêutica, a utilização do simbolismo dos números” – Pitágoras foi um dos maiores defensores da idéia de que o homem poderia alcançar a purificação e libertação da alma através da consciência acerca da estrutura numérica de todas as coisas – e dos ciclos cósmicos, além da “afirmação do espiritual e do sutil” no macro como no microcosmo.



Ciente da importância simbólica das cores no presente estudo, reproduzo ainda as palavras de Jean Chevalier, em seu “Dicionário dos Símbolos”, escrito em parceria com Alain Cheerbrant:

“O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica, mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, psicológico, místico etc. As interpretações podem variar (...) As cores permanecem, no entanto, sempre e sobretudo como fundamentos do pensamento simbólico”(2009, p.275).

Brenda Mallon (2009), oniroterapeuta especializada em simbolismo e psicologia, no livro “Os Símbolos Místicos – Volume II”, lembra como se deu o processo de significação das cores pelo homem:

“A ciência já mostrou que as cores influenciam nosso humor e os homens antigos estavam cientes das diferenças entre as cores e seu nível simbólico – eles viram que certas cores davam segurança enquanto outras repeliam. Eles ‘liam’ as reações dos animais e dos pássaros a cores naturais, e como seus próprios sentimentos respondiam às cores, e assim o simbolismo das cores começou a surgir (2009, p.278).

O site Personare (www.personare.com.br) criado em 2004 por um grupo de profissionais de diferentes áreas de atuação, se propõe a “incentivar as pessoas a aproveitarem melhor suas vidas”. Para atingir esse objetivo, a “equipe Personare” disponibiliza todos os dias uma vasta gama de informações sobre astrologia, meditação, numerologia, runas, yoga, tarot, alimentação, florais, feng shui, massagens, aromaterapia etc.

Figura 1 – Logo Site Personare - “Personare. Autoconhecimento, Harmonia e Bem-Viver”



Fonte: www.personare.com.br



O objetivo do projeto estaria mais bem resumido no subtítulo do site: “Autoconhecimento, harmonia e bem-viver”. Mas será que a marca atinge o intento da metamensagem que se quer sugerir? Analisemos. Ao permitir-se “provocar” pela marca, integrar à marca, no intuito de experimentar, primeiramente – leia-se no nível da “primeiridade -, as possibilidades sensoriais sugeridas: leveza, luminosidade, frieza, estabilidade, repouso, são as qualidades observadas. Como nesse primeiro nível da análise, a resposta espontânea do interpretante dinâmico é completamente subjetiva, podem haver sensações que tenham sido despertadas no leitor tão autênticas quanto inconcebíveis à experiência sensível apresentada aqui.

Num segundo momento, ao reservarmos à marca um olhar observacional e analítico – à moda ocidental de leitura da direita para a esquerda, de cima pra baixo -, entregando-nos aos seus aspectos particulares de sin-signo – secundidade – vemos as relações embutidas nos pormenores do aparentemente singelo pentágono convexo de cor rosa e seu pentagrama. Sobre esse aspecto da logomarca podemos dizer que a cor branca se destaca da massa rosa que a circunscreve, realizando o papel do negativo de um sinal autônomo, que seria a estrela, ou pentagrama. Este, quando circunscrito não possui a mesma autonomia expressiva pois o suporte que é dado pelo pentágono de formas arredondadas em que está inserido confere-lhe um aspecto singular, inferindo uma limitação formal ao símbolo. Além disso, como adverte Adrian Frutiger, em seu livro *Sinais e Símbolos*: “A luz branca comparada a um fundo escuro tem uma irradiação mais eficaz” (ano, p.25). Portanto, o branco que representaria a luz do pentagrama – a cor funcionando como símbolo - ganha “corpo” quando limitado pela forma rósea. Assim, arrisco dizer, com base nos estudos de Frutiger a respeito desse tipo de contraste que esse composto específico confere ao pentagrama uma “profundidade misteriosa”.

Passando à tipografia do nome “Personare” - depois de apreendermos as sugestões de movimento das serifas alongadas para a direita, e da posição horizontal da palavra, conferindo-lhe o aspecto de repouso, além da cor violeta, enquanto ícone, remetendo-nos à sensação de frio - adiando seu aspecto simbólico de palavra-lei - comparamo-la a uma estilização que mescla o alfabeto clássico romano, datado do séc. II a.C., e da escrita semi-uncial – variação da palavra “úncia”, equivalente à medida da polegada ou em referência à semelhança com a forma arredondada de uma unha -, do séc. IV d.C. O



subtítulo do site, nesse nível da análise compete àquilo que o portal oferece, realizando bem a função referencial – sin-signo.

Num terceiro momento da análise – terceiridade -, aquele no qual procuramos os aspectos arbitrários dos signos contidos no nosso objeto imediato, concebemos que “Personare” é um verbo latim que reduz a pessoa ao sentido etimológico e significa “ressoar através de...”, o que remonta à idéia de que tudo está ligado e que existe uma força maior agindo através de cada coisa ou acontecimento. Aqui, vemos que o nome dado ao portal não possui a lei como seu maior fundamento, funcionando como símbolo de forma limitada – semisímbolo-, pois a maioria dos internautas detém-se no nível de secundidade ao compreender o nome, no máximo, até o seu similar que seria “pessoa”, pendendo-se de seu significado intrínseco que é a pessoa enquanto representação do macrocosmo. Mas apesar do parco desenvolvimento relacionado ao nome do site, a cor violeta funciona bem enquanto representante de “espiritualidade” – do mesmo modo, apenas para aqueles que conhecem o sentido arbitrário dessa cor.

O mais rico elemento, em termos simbólicos, contido no portal é o pentagrama. Também conhecido como pentáculo – do latim *pentangulum*, *pentaculum* –, íncubo, quinário, pegada de bruxa, “*signum*” pitagórico, ou, como chamavam-no na escola de Pitágoras, *Pentalpha* - devido à sua composição que seria a partir de 5 letras A ou alfa, do alfabeto grego-, ”*signum*” de Hígia, deusa da saúde, “*signum salutis*” etc. É representado graficamente por uma estrela de cinco pontas, obtida a partir de uma única linha fechada e entrelaçada. Em Eliphas Lévi, maior ocultista do século XIX: “O pentagrama é aquilo que se chama, na cabala, o signo do microcosmo” (Et rituel de haute magie, p. 88). Enquanto símbolo esotérico, o pentagrama remete a um dinamismo ininterrupto e representa o caminho do EU – entidade divina, superior ao homem terreno - durante a sua experiência na matéria. Para os pitagóricos, o *Pentalpha* possuía um significado místico de perfeição, símbolo sacro que representava a harmonia entre o corpo e a alma. Quando foram perseguidos, eles passaram a usá-lo como símbolo secreto utilizado para o reconhecimento entre os iniciados. Em algumas culturas, o pentagrama funciona também como representação do corpo humano – as duas pontas inferiores servindo de pernas, as duas pontas médias funcionando como os braços e a ponta superior servindo como a cabeça ou a ligação com o divino. Dentre as incontáveis utilizações do pentagrama, está a de instrumento de exorcismo, comumente utilizado



durante rituais de magia – branca ou negra, no caso do símbolo invertido – e como amuleto. Na iconografia cristã, o pentáculo faz referência às cinco chagas de Cristo ou, por sua forma fechada, pode também simbolizar o caminho que conduz ao Espírito Santo.

Apresentei todos esse valores atribuídos ao símbolo do pentagrama para que o leitor possa perceber a carga histórica aí contida, porém desprezada pela maior parte dos internautas que freqüentam o site. É muito provável que o signo funcione aquém da condição de símbolo, tendo seu significado limitado à condição icônica ou indicial. De acordo com o conteúdo do portal, o significado que melhor se adequa à realidade dos temas ali propostos é semelhante ao conceito pitagórico de “perfeição” – lembre-se de “harmonia e bem-viver”, no subtítulo, e de “homem saudável”. A idéia principal é: o homem pode alcançar saúde, harmonia, perfeição, o “bem-viver”, e por fim, algum conhecimento do macrocosmo, através do conhecimento de si mesmo, ou da iniciação na jornada em direção ao seu interior.

Considerações Finais

Analisados alguns dos principais elementos compositórios da logomarca do site “Personare”, concluímos que a metagem ali contida permanece obscura para a maior parte dos usuários. O objeto imediato, pode-se dizer, foi concebido no intuito de encaixar-se ao conteúdo, porém uma parcela considerável de informação acaba perdida, não remetendo ao seu real valor significativo por desconhecimento do que Peirce chamaria de “interpretante dinâmico”. Santaella(2009) lembra: “Só o símbolo é genuinamente triádico” (p.25). É preciso que o interpretante dinâmico conclua o processo, mas para que isso ocorra a lei que fundamenta o símbolo tem que estar internalizada na mente daquele que se propõe a interpretá-lo. Um exemplo que ilustra claramente essa “deficiência” é o caso específico do emprego do pentagrama, o qual possui como objeto dinâmico uma gama de referenciais históricos dos mais variados, entretanto, no fim, percebemos que o seu valor simbólico acaba reduzido por desconhecimento por parte do navegante, além do que um número ínfimo irá concebê-lo, bem como desejariam os criadores da marca, enquanto “homem salutar, integrado”.



O que pode comumente ocorrer é o entendimento do pentagrama como mero símbolo esotérico - alguns podem ligá-lo simplesmente à idéia da estrela e seu brilho, ou à bruxaria estereotipada. Assim, um dos elementos mais marcantes e ricos em termos simbólicos acaba funcionando de forma limitada, como semi-símbolo, servindo em determinados momentos mais para ofuscar do que para esclarecer. Era esse um dos motivos de Peirce ter insistido na idéia de que o símbolo só funciona como tal a partir da ação do interpretante dinâmico.

Em se tratando do maior representante do site, o nome “Personare”, também é de compreensão limitada à pessoa que o interpreta. Os indivíduos menos curiosos, diante do logotipo - refiro-me ao nome-título somente - podem concebê-lo, por associação, no máximo ao substantivo próximo “pessoa”, perdendo-se de seu significado transcendente de “ligação intrínseca com o cosmo”. Destarte, constatamos que a logomarca do portal estudado está aquém do entendimento do usuário médio da internet, que não se disponibiliza a “iniciar-se” nos conhecimentos metafísicos, gnósticos, esotéricos ou numa laborosa pesquisa a respeito desse universo.

Bibliografia

ALMEIDA, Carlos C. Semiótica, Internet e Interatividade: a interatividade dos portais BOL e UOL. Londrina, Paraná, 2003. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia). Universidade Estadual de Londrina.

AMSTEL, Frederick van. Uma proposta semiótica para a avaliação de estruturas de navegação. Monografia final para a disciplina Semiótica e Informação do Curso de Gestão da Informação UFPR e vencedor do XIII Evento de Iniciação Científica da UFPR. 2005. Disponível em http://www.usabilidoido.com.br/arquivos/semiotica_avaliacao_navegacao_amstel.pdf. Acesso em julho/2009.

BIEDERMANN, Hans. Dicionário Ilustrado de Símbolos, São Paulo: Editora Melhoramentos, 1994.

CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain. Dicionário dos Símbolos, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009.



FRUTIGER, Adrian. Sinais e Símbolos – Desenho, projeto e significado, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MALLON, Brenda. Os símbolos místicos Volume I e II, São Paulo: Editora Larousse, 2009.

RIBEIRO, Milton. Planejamento Visual Gráfico, Brasília: LGE Editora, 2007.
Eerenbeet, Noud V. D., Seu Talismã Pessoal, São Paulo: Hemus Editora Limitada, 1984.

RIFFARD, Pierre. Dicionário de Esoterismo, Lisboa: Editorial Teorema, 1993.

PEIRCE, Charles S. Semiótica, São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica Aplicada, São Paulo: Cengage Learning, 2008.

Sites Consultados:

<http://www.ocultura.org.br/>

<http://www.wikipedia.com.br>